

# Caminhos da liberdade no jovem Marx: da emancipação política à emancipação social

JÚLIA LEMOS VIEIRA

São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Mauricio Grabois, 2017. 400p.

Mário Bastos\*

Em *Os caminhos da liberdade no jovem Marx*, Júlia Lemos Vieira se debruça sobre as obras e o desenvolvimento do pensamento marxiano em seus primeiros anos, apresentando uma alternativa de leitura marxista que não recorre aos conhecidos predicados “jovem” ou “velho” para classificar o percurso teórico de Marx. A autora irá propor uma leitura que se ocupa em recolocar a busca pela emancipação humana como um traço característico de toda a produção teórica de Marx, desde a juventude, até suas obras tardias – embora seu livro se concentre nas obras de juventude. A emancipação que, segundo Vieira, no Marx do seu período republicano se concentra na esfera política, logo será complementada pela necessidade de uma emancipação, sobretudo, social. Trata-se de compreender como o avanço da teoria marxiana acompanha o avanço de certa compreensão das forças sociais e políticas, bem como dos limites da contribuição da filosofia no processo de emancipação humana. Há, assim, a apresentação da obra de Marx, desde sua tese de doutoramento até seus escritos de 1845 como um conjunto coeso orientado por uma mesma compreensão da filosofia e dos seus objetivos.

Vieira irá circunscrever sua análise principalmente à produção do período de 1835 a 1845, que abrange tanto textos menos acadêmicos – como a carta de Marx a seu pai, escrita em 1835, esclarecendo sua opção de mudança do curso de Direito

---

\* Doutorando em Filosofia na Universidade Federal da Bahia. E-mail: amariofilho@gmail.com

para o curso de Filosofia, em virtude de seu projeto emancipatório –, artigos para a *Gazeta Renana*, bem como suas obras de maior rigor teórico que serão citadas na sequência dos capítulos. Diferente de outros pesquisadores que identificaram rupturas ou reputaram a transformação do jovem republicano liberal para o sofisticado materialista histórico a elementos apenas exógenos, Vieira se ocupa de promover uma análise e exposição dos diversos textos do período mencionado, extraindo dali os elementos teóricos que, em si mesmo, constituiriam parte do próprio amadurecimento teórico do autor. Empreendimento não propriamente novo, mas que a autora faz com precisão.

O livro se divide em cinco capítulos. Os quatro primeiros, mais bem estruturados, apresentam o resultado de sua pesquisa; o quinto capítulo, à guisa de considerações finais, apresenta alguns tópicos previamente pouco explorados. No primeiro capítulo, Vieira irá observar a busca de Marx, ainda no âmbito do que se classificaria como um republicanismo democrático radical, por respostas teóricas para o problema da emancipação humana. Sem se distanciar, então, da dialética hegeliana, Vieira irá demonstrar como mesmo em sua tese de doutoramento Marx já se opunha a certos dogmas da filosofia de seu tempo que, a seu entender, remetiam aos problemas da unilateralidade filosófica platônica os quais Epicuro tinha sido o único capaz de superar.

O resgate do epicurismo, assim, acompanhava o processo de formação da crítica da filosofia alemã que mais tarde desembocaria na crítica do sistema hegeliano e na apropriação da dialética hegeliana para, enfim, parir o materialismo histórico. Segundo a autora, tratou-se de um movimento teórico essencial para que o jovem filósofo rompesse mais tarde com as formas burguesas de ação política e abraçasse a causa revolucionária, sem deixar, porém, de criticar também os teóricos do campo socialista que incorriam nos mesmos problemas de forma e método que os filósofos hegelianos e liberais. Dentre os pensadores socialistas, a obra de Proudhon e o “comunismo grosseiro” que ele representaria, são destacados pela autora no âmbito da crítica marxiana. Particularmente, o tratamento dado por Proudhon ao problema da propriedade privada será o elemento central da crítica de Marx, nesse momento, e o objeto de análise de Vieira no terceiro capítulo da obra.

Essa questão da propriedade privada, aliás, se manifestará desde o segundo capítulo do livro, destacando como a recepção da obra de Proudhon irá afetar Marx e se relacionar com o marcante movimento teórico da *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Será a partir dessa obra que Marx evidenciará o problema da relação entre forma burguesa de Estado e direito e a propriedade privada, bem como os elementos iniciais da alienação social e política que seriam, apenas futuramente, mais bem explorados nas obras de maturidade. A autora, assim, aponta que será desse período o desenvolvimento da percepção de Marx da propriedade privada como uma forma antitética da emancipação humana. Esse, aliás, será o percurso que levará Marx a rejeitar a filosofia (tanto idealista quanto a materialista) que o antecede, por, invariavelmente, incorrer em uma unilateralidade – que se traduz

em uma compreensão a-histórica do mundo – em favor da *práxis* que, segundo Vieira, dará o tom da sua ação política e teórica até o fim de sua vida; a *práxis* como via de emancipação humana será o objeto da análise do quarto capítulo.

A partir desse ponto da obra de Vieira o embate com Max Stirner, integrante do grupo de jovens hegelianos, ocupará um espaço importante. A autora irá demonstrar como, para Marx, Stirner, mais do que um liberal radical em sentido político e um representante típico da burguesia alemã de sua época, terá como racionalidade de fundo a trama teórica daquela filosofia unilateral consistentemente criticada pelo renano. Será no âmbito da crítica a Stirner, n' *A Ideologia alemã*, que Marx irá definir os parâmetros gerais de sua compreensão do comunismo, o que para ele se identificará, finalmente, com a emancipação humana: como destaca Vieira, não se trata, para Marx, de definir o conteúdo de uma forma histórica determinada em uma previsão utópica de um comunismo, mas de destacar o caráter processual e dialético desse movimento, em contraposição ao pensamento de Stirner. Será nesse momento, ainda, que o materialismo histórico se firmará como resultado do esforço crítico de Marx à filosofia desde sua tese de doutorado. Marx irá ainda destacar, desde esse momento, como a unilateralidade filosófica é um aspecto da alienação própria das relações sociais capitalistas; e como essa alienação tem na divisão do trabalho (entre intelectual e físico, inicialmente) importante expressão material. Desta forma, no campo da crítica política, a posição teórica invocada por Marx lhe irá permitir, como corolário, de sublinhar o caráter destacadamente não-economicista do comunismo por ele proposto.

No capítulo 5 do livro, Vieira tece algumas considerações acerca do espaço da questão de solidariedade na obra de Marx, porém, sem se aprofundar tanto na questão como o fez com os outros temas de sua investigação nos capítulos anteriores. O mesmo aprofundamento seria desejado quando Vieira se propõe a fazer uma comparação entre os textos de juventude analisados com as obras de maturidade. Ainda assim não deixa de se apresentar como um desenvolvimento direto dos pontos devidamente expostos ao longo da obra; dessa forma as questões lançadas ao final podem ser compreendidas como propostas para investigações futuras. Destaca-se, sobretudo, o esforço teórico da autora em colocar a questão da emancipação humana como um importante fio condutor do pensamento marxiano, sustentada não em pretensões morais, mas recorrendo a importantes elementos teóricos que remontam à própria compreensão do sentido da filosofia, com traços presentes desde sua tese de doutoramento, marcando o embate com os jovens hegelianos até, finalmente, definir seu afastamento do materialismo de Feuerbach e a formação do que veio mais tarde a se chamar de materialismo histórico.